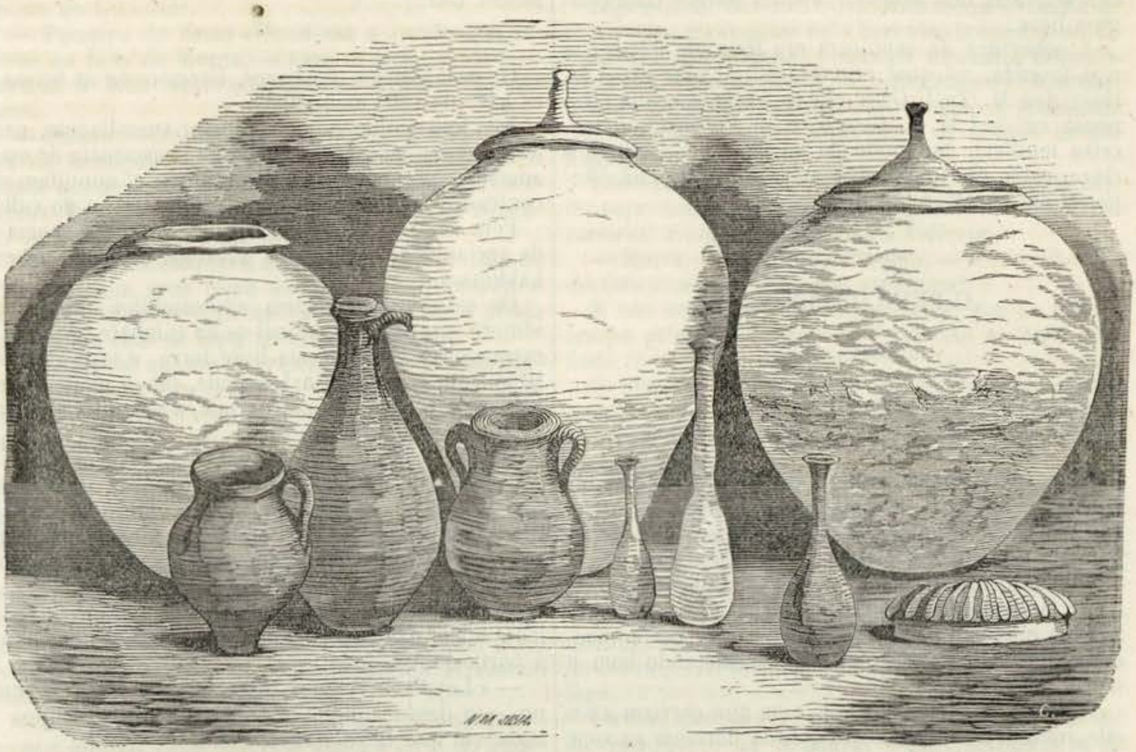


Urnas cinerarias, e lacrymatorios de vidro e de barro, achados nas excavações de Troia, defronte de Setubal

A pag. 88 do corrente volume publicámos já o desenho de uma urna cineraria de vidro, achada no sitio de Troia, a antiga Cetóbriga, defronte de Setubal, que possue o douto antiquario sr. G. Xaro. A elle devemos tambem o obsequio de nos deixar copiar todos os vasos romanos de que se compõe a nossa gravura de hoje.

A respeito das urnas cinerarias, podem os leitores rever o que o mesmo sabio escreveu, por essa occasião, na citada pagina. Sobre os lacrymatorios, eis o que elle nos communica:

« Estas pequenas redomas de vidro, ou de barro, são ainda hoje conhecidas na archeologia com o nome de *lacrymatorios;* mas sobre o uso a que foram destinadas, são diversos os pareceres. Direi a este respeito, em poucas palavras, o que está mais ao nivel do estado actual da sciencia. Exaggera quem qualifica de lacrymatorios a todos os vasos de fórma alongada que se acham nas urnas cinerarias, os quaes muitas vezes serviam para conter balsamos, unguentos e perfumes; mas não exaggera menos, quem nega a existencia dos vasos proprios para receberem lagrimas, existencia provada por testimunhos positivos, e por locuções consagradas nas inscripções sepulchraes, como as seguintes: *lacrymis ponere — tumulum lacrymis plenum dare — cum lacrymis et opobalsamo hoc sepulchro condidit.* Como poderemos explicar estes versos de uma bellissima inscripção, que traz Maffei, junto dos quaes se via, na pedra sepulchral, um agulheiro proprio para receber liquido?

Et quicumque tuis humor labetur ocellis,
Protinus inde meos defluat in cineres.

Como explicar o que a este mesmo proposito lemos em *Reinesio?*

Injice si pietas usquam est, suspiria, et imple mecum, hospes, lacrymis marmoris hoc vacuum.

Agora dirão os leitores: então n'este caso, isto é, no caso de morte, por amor, ou por força, sempre se chorava? Não, senhores, fazia-se então o mesmo que se faz hoje: uns choravam devéras, outros fingiam que choravam; mas o *lacrymatorio* sempre symbolisava as lagrimas, que muitas vezes nem humedeciam os olhos, como entre nós ha *lucto*, que sempre symbolisa a dor, que muitas vezes se não sente. Os mysterios da dor antiga são como os da dor moderna. »

Como appendice a estas considerações, vamos trasladar o que a respeito da achada da sepultura de Cicero escreveu em 1563 o nosso classico fr. Pantaleão de Aveiro, que parece fallar como testimunha presente, da urna das cinzas do famoso orador romano, e do vaso das lagrimas dos seus amigos.

Narrando o bom do frade a sua passagem pela ilha de Zante, diz:

« Tem a cidade de Zante um mosteiro de frades de S. Francisco da observancia, dedicado á Virgem Nossa Senhora: alli nos disseram que, havia mais de quinze annos, abrindo-se um alicerce para fazerem um pedaço de cerca do mosteiro, foi achada a sepultura de Marco Tullio Cicero, dentro da qual acharam dois vasos de vidro muito massiço, um dos quaes era de um palmo de comprido, de feição espherica de oitô faces; e estava cheio de cinza do seu corpo, que depois da sua morte foi queimado, como era costume entre os antigos. A outra vasilha era algum tanto mais pequena, feita a modo de frasquinho, na qual haviam estado as lagrimas dos amigos que n'aquelle tempo costumavam juntar-se, e lançar

suas lagrimas em um vaso, o qual se enterrava tambem com o vaso das cinzas.

Tinham estes vasos seus letreiros; o da cinza tinha estas palavras: *urna cinerum* (vaso das cinzas); o das lagrimas: *urnula lachrymarum amicorum* (vaso das lagrimas dos amigos), o qual parece tivera algum licor.

A cobertura da sepultura era feita em quadro, e mal lavrada, na qual estavam entalhadas estas letras: *Avè M. Tull. Cicer. Et tu tertia Antonia* (Repousa em paz M. T. Cicero, e tu Antonia sua terceira mulher). No fundo da vasilha, onde estava a cinza, estão escriptas estas letras: *Avè M. Tul.* (Repousa em paz Marco Tullio).»

O PRINCIPE DE ERIN

(Lenda biscaynha)

(Conclusão. Vid. pag. 335)

III

Onde vae o *echeco jauna* [1] de Mendia, que abandonando o amanho de seus campos, desce ás desertas praias de Mundaca, seguido dos que o acompanhavam no trabalho? Onde vae o *echeco jauna?*

Viu das alturas um fragil baixel vagando sem governo, e batendo de encontro ás rochas. Como é compassivo e exerce a hospitalidade, corre, voa ao soccorro dos naufragos, que suppõe luctando com a morte na praia.

Pára ao descer á planicie, e os que corriam após elle imitam-n'o. Tres estrangeiros dormem ao sopé da fonte, á sombra dos castanheiros; e o *echeco jauna* e seus companheiros alli ficam a velar-lhes o somno.

Os filhos das verdes ilhas despertam, e perguntam ao *echeco jauna* de quem é a terra para onde o vento e as ondas impelliram a sua galera.

E ao saber que é a terra dos invictos cantabros, ergueu os olhos ao ceo para dar graças a Deus que os trouxera á patria dos primeiros heroes do universo.

Debaixo do tecto de Mendia encontram hospitaleiro asylo os desterrados de Erin; mas em breve corre a noticia nas montanhas euskaras que mora n'ellas um filho de reis, e o ancião Lekobide, o caudilho dos eskaldunacs, [2] descendente d'aquell'outro glorioso caudilho, do mesmo nome, que humilhou o orgulho dos Cesares, e celebrou os contos populares vasconços, envia mensageiros ao principe de Erin para lhe offerecer o seu lar no valle de Padura.

Lémor contempla a felicidade suprema da terra ao chegar á morada do caudilho vasconço.

Uma aureola de gloria circumda a fronte senil de Lekobide, e outra de castidade e formosura a fronte juvenil de Luz, a filha do chefe dos eskaldunacs.

Mezes ha que Lémor se assenta no escabello do lar de Lekobide. Mezes ha que pugna por abandonar o valle de Padura, porque, bom cavalleiro e bom christão, envergonha-se de viver no ocio, em quanto os filhos de Agar calcam a santa cruz além do Ebro. Mezes ha que deseja ir offerecer o seu braço a Fernão Gonzalez, o valoroso conde de Castella; porém sempre o detem os rogos de Luz e de Lekobide, e mais que tudo uma força mysteriosa que reside em seu coração.

Distrahem-n'o os exercicios guerreiros e a caça. Quando elle, afastando-se de Padura, se encaminha para as altas montanhas que dominam o valle com o sentido de perseguir o javali ou o gamo, Luz assoma á janella entristecendo-se tanto mais quanto se alonga o estrangeiro, e o estrangeiro volta-se no caminho procurando com a vista a janella onde apparecêra Luz.

IV

Os eskaldunacs são livres, livres como as brisas e as aves de suas montanhas.

Não tem senhor a quem prestar vassallagem, nem outras leis senão as escriptas na consciencia de seus anciãos, que julgam o delinquente e annullam as contendas á sombra da mais antiga arvore do valle.

Fóra das jerarchias da virtude, da intelligencia e da ancianidade, só ha uma jerarchia na terra dos eskaldunacs.

Os eskaldunacs elegem um caudilho que esteja sempre disposto a conduzil-os ao combate, quando o estrangeiro invada a sua livre terra, e esse glorioso titulo fôra concedido a Lekobide, havia mais de dez lustros, attendendo á sua virtude, á sua intelligencia, ao seu valor e glorioso nome.

Um dia, congregados os patricios euskaros debaixo do santo carvalho de Guernica, lembrou um d'elles que Lekobide era mui ancião, e portanto impossibilitado para guiar as legiões das montanhas no dia em que o estrangeiro invadisse a patria. Então um patricio centenario fallou d'este modo á assembléa:

— «Ha quinze annos que Leyalá, o cão mais valente e leal das nossas montanhas, vigiava dia e noite á porta do seu dono.

— «Leyalá é velho — disse um dia o *echeco jauna,* — e desde aquelle dia, novo guarda occupou o logar em que Leyalá encanecêra.

«A raposa, afugentada havia quinze annos por Lèyalá que a farejava ao longe, veiu n'aquella noite, sem que o cão novo a sentisse, e comeu as gallinhas do *echeco jauna.*

«E Leyalá, que deixára cabisbaixo e triste a casa em que dormíra quinze annos á porta da herdade, para que um estranho lhe occupasse o posto, appareceu morto na manhã seguinte, ainda que o *echeco jauna* lhe mandára preparar mais branda e abrigada cama do que a outra em que descançára quinze annos.»

Assim fallou o patricio centenario, e ninguem mais se lembrou de que Lekobide era ancião.

Tambem Lekobide se não lembra de tal, porque a juventude da alma não o deixa pensar na acianidade do braço.

Porém, eis que de subito um surdo rumor, e uma agitação desusada havia muitos annos, se estende pelos valles e montanhas euskaras, e numerosos exploradores, com a indignação da alma no rosto, chegam á porta de Lekobide exclamando:

— *Quidaria!* [1] um exercito formidavel rebenta pelas cordilheiras de Ordunha, e ai dos eskaldunacs se o *irrinzi* [2] não se ouve em breve nas nossas montanhas!

— Raio de Deus! — grita Lekobide incendido em ira. — Sôem as cinco bozinas nos cinco montes euskaros, que não chegarão á arvore Malato os que em som de guerra ousam pisar nossos livres solares. Dae-me a cota e a lança que me acompanhavam no combate ha setenta annos!

Lekobide veste a fina e temperada cota, e o corpo dobra-se-lhe ao peso da armadura.

Lekobide empunha a lança, e o braço nega-se-lhe a sustental-a!

Então o glorioso caudilho lembra-se da sua ancianidade, treme, e fica abatido e desesperado.

[1] Senhor ou proprietario.

[2] Outros escrevem *escualdunak* (*escu*, mão; *alde*, direita; *dunac*, os que tem) nome que os povos biscaynhos ou vasconços se dão. Ao seu dialecto chamam elles *euskaria*, que o sabio Humboldt considerou como a lingua mais notavel de quantas conheceu.

[1] Caudilho.

[2] Grito de guerra.

No entretanto o alarma propaga-se por montanhas e valles euskaros, e já muitos guerreiros vasconços descem a Padura, pedindo ao seu glorioso caudilho que os guie ao combate.

Um raio de esperança illumina subito a veneravel fronte de Lekobide.

— Principe de Erin! — exclama o ancião dirigindo-se ao filho de Morna, — toma a cota e a lança, e occupa o meu logar á frente das legiões eskaldunacs.

— Senhor, — respondeu Lémor, — pelejarei contra os inimigos da terra que tão generosa hospitalidade me deu, porém confundido entre os teus guerreiros. Procura chefe mais digno que eu de conduzir os teus guerreiros ao combate.

Todos os eskaldunacs que desceram ao valle de Padura unem seus rogos ao de Lekobide; porém o sisudo principe de Erin insiste em marchar á peleja confundido com os mais humildes lidadores.

— Serás em quanto viveres o caudilho dos eskaldunacs, que eu estou já velho! — disse Lekobide com universal assentimento. — Lémor continua todavia a recusar o glorioso titulo que lhe offerecem.

— Filho de rei és, e mereces mandar vassallos, — exclamam os anciãos de vinte valles reunidos já no de Padura. — A livre terra euskara te dá seu senhorio, se tiveres por bem ordenar e guiar suas legiões.

O principe das verdes ilhas recusa tambem o senhorio dos eskaldunacs.

E novos exploradores chegam, exhaustos de fadiga, a annunciar que o exercito inimigo passou a arvore Malato, e desce como embravecido arrasando quanto se oppõe á sua passagem.

— Oh principe de Erin! — exclama Lekobide, — se por minhas veias corresse sangue de reis, dir-te-hia: guia as legiões eskaldunacs, expulsa d'este solo o estrangeiro, e ao voltar do combate sentar-te-has no meu lar, e dar-te-hei o nome de filho.

Lémor volve a Luz um olhar cheio de amor e esperança, e como se no rosto formoso da donzella houvesse lido a resposta por que anciava sua alma, exclamou, ajustando a cota e empunhando a lança de Lekobide:

— Ancião! que Deus me deixe sentar em teu lar e ouvir de teus labios o nome de filho!

V

Nos cinco montes mais altos da terra livre resoam as bozinas, e o *irrinzi* responde áquelle bellicoso signal em todos os valles e montanhas.

Todo o varão assás forte para lançar um dardo, ou brandir uma espada, ou uma lança, ou uma archa, abandona apressadamente o seu lar, encaminha-se para o valle de Padura, cujas planicies e assomadas podem, apenas, conter os milhares de milhares de escaldunacs que vão acudindo ao chamamento da patria.

É mui penetrante a voz da patria!

E não é fóra de razão o chamamento, porque os inimigos são muitos, e já se aproximam do valle de Padura, como desafiando o caudilho dos eskaldunacs que sabem tem alli a sua morada.

O exercito que invade as montanhas euskaras não se compõe d'aquellas esforçadas legiões castelhanas e leonezas, que tantas vezes plantaram a cruz de Christo nas tendas musulmanas, nem o guiam reis de Leão ou condes de Castella. Compõe-se de miseraveis aventureiros que infamam o nome christão, desde o Ebro ao Tejo, e commanda-o Ordonho o Mau, o vil usurpador da coroa de Sancho o Gordo, que, expulso do throno leonez, quer afogar o seu despeito em o nobre sangue dos eskaldunacs, e levantar nas montanhas euskaras novo throno em que sentar-se.

O exercito vasconço, guiado por Juan-Zuria, como os eskaldunacs denominavam o principe de Erin, sáe ao encontro do estrangeiro, que apparece já nas montanhas que dominam o valle de Padura.

Travada está a peleja, e o seu espantoso fragor atroa as d'antes pacificas montanhas euskaras.

Espessas nuvens de dardos obscurecem o sol. Enormes rocas, arrancadas pelo herculeo braço dos eskaldunacs, rolam sobre as hostes de Ordonho, desordenando-as, espantando-as, e esmagando-as. A archa, a lança e a espada dos patricios vasconços, juncam de cabeças estrangeiras, e inundam de sangue os penhascos de Padura.

Porém a desesperação de Ordonho, que é immensa, faz supremos esforços para reanimar o valor dos aventureiros, e conserva indecisa a victoria.

— Morra — exclamou Ordonho, — o caudilho dos eskaldunacs, e o triumpho será meu!

E vôa ao encontro de Juan-Zuria, que ao mesmo tempo peleja, e dirige o seu exercito na mais porfiada lucta.

O filho dos reis de Erin, que tivera egual pensamento em relação ao ambicioso chefe dos invasores, sáe ao encontro d'este, e cerra com elle descommunal batalha.

A lança de Lekobide, manejada com força de Titão pelo principe de Erin, traspassa o peito de Ordonho, que expira dando um rugido de desesperação, que retumba nas montanhas de Padura como o do leão ferido.

É espantosa a desordem nas já rareadas legiões estrangeiras, que fogem e fogem espavoridas por onde desceram, marcando a sua passagem com sangue e fogo.

Os eskaldunacs seguem-n'as ou perseguem-n'as até ás cordilheiras de Ordunha, e alli, cançados já da mortandade, e vendo livre e feliz como nunca a sua patria, voltam a descançar, e a celebrar seu glorioso triumpho á sombra da arvore Malato.

VI

Cêrca de nove seculos passaram já desde que os eskaldunacs, guiados pelo desterrado de Erin, fizeram estremecer de gozo a patria nos campos de Padura.

Se quizerdes visitar aquelles campos, não procureis no mappa o nome de Padura, visto que lhe mudaram até o nome pelo de Arrigorriaga, que no rico e veneravel idioma euskaro, equivale a *pedras vermelhas*. As rocas de que estão eriçados os montes da antiga Padura conservaram por muito tempo a côr do sangue que derramaram n'ellas as hostes de Ordonho o Mau; e eis porque a antiga Padura trocou este nome pelo de Arrigorriaga.

Dirigi-vos á egreja parochial do valle de Arrigorriaga, e ahi, junto á pia da agua benta, vereis um sepulchro de pedra. Perguntae aos simples aldeãos quem jaz n'aquelle sepulchro, e responder-vos-hão, pulsando-lhe n'alma a lembrança das glorias da patria, que alli jaz um rei chamado Ordonho, que intentou roubar as liberdades do povo vasconço, e foi morto por Juan-Zuria, o primeiro senhor de Biscaya.

Examinae depois os empoeirados archivos do templo, e se sabeis a immutavel e perpetua lingua dos eskaldunacs, uns carcomidos e amarellados pergaminhos vos dirão, que n'aquelle mesmo templo receberam o sacramento do matrimonio a filha de Lekobide e o filho de um rei de Erin.

Quem se chama Maria, ha de imitar as virtudes e pureza da primeira Maria, que é a Mãe Santissima.

PADRE ANTONIO VIEIRA

O LIBANO E OS CEDROS

A recente mortandade que os drusos do monte Libano fizeram nos inermes christãos que alli habitam, ha tantos seculos, tem feito com que todos os jornaes pittorescos hajam reproduzido, pela gravura, este celebre monte e os logares adjacentes, onde tão horriveis scenas se passaram.

Já démos a estampa da cidade de Damasco; hoje apresentâmos a do Libano, acompanhando-a de uma rapida noticia d'esta notavel montanha, de que tanto falla a Sagrada Escriptura, sobre tudo pela celebridade dos seus annosos cedros.

Duas grandes cordilheiras formam o Libano. A primeira, voltada para o mar Morto, prolonga-se na extensão de 30 a 35 legoas, começando ao norte de Accar, do outro lado de Tripoli, e acabando no rio Casmyek, perto de Tyro. A segunda, com o nome de Anti-Libano, segue na direcção parallela á primeira, corre toda a Syria, e finda na Palestina. Os dois cumes mais notaveis d'esta duplicada cordilheira de montanhas são o Sanir e o Hermon; tendo o primeiro 2000 metros de altura, e o segundo 3200 acima do nivel do mar.

Os arabes chamam ao Hermon *Djebel-es-Scheik*, que quer dizer *Montanha do Velho*, porque está sempre coberto de neve, á similhança da velhice que embranquece a cabeça do homem. Em hebraico, Libano significa tambem alvura, como interpreta S. Jeronimo, na versão da biblia Vulgata.

Nove rios principaes nascem do Libano: o Magoras dos antigos (hoje Nahr-Beyrouth); o Sidon; o Bostreno (Nahr-el-Oualy); o Leontes (Nahr-el-Casmyek); o Xantho (Nahr-Quaducha); o Adonis (Nahr-Ibrahim); o Lyco (Nahr-el-Kelb); o Abana e o Pharphar, formando o Nahr-Barady, ou grande rio de Damasco; e o Jordão (Nahr-Ordon) que á nascença se engrossa com as fontes de Jor e Dan, saindo uma e outra do Anti-Libano, junto ao Hermon.

Tem o Libano grande variedade de temperaturas e de producções, segundo a altura dos montes ou profundeza dos valles. Na região mais elevada, sempre coberta de gêlo, e toldada de nuvens, é esteril; na segunda tem pouco terreno productivo; mas crescem alli bem o cedro, o pinheiro e o carvalho; na ultima ha quasi todas as plantas da Europa; é o clima temperado. Nas planicies que ficam entre o mar e a montanha, sería mui pouco sensivel a differença das estações, se não fossem as chuvas e trovoadas; apesar de que, nos dias tempestuosos, o sol illumina, mais de uma vez, os campos subitamente reverdecidos. Ahi o thermometro quasi nunca desce a mais de dez gráos abaixo de zéro.

Se o solo não patenteia todas as suas riquezas, é por falta de braços para a cultura. Todavia, ha no Libano muitos pomares de laranja, muitos canaviaes de assucar, bananeiras, e outras producções mimosas; assim como nasce bem o trigo, o milho e todos os grãos, mais pela feracidade do terreno, que pelo trabalho do homem. O arabe não deseja o que lhe custa a obter; contenta-se com o indispensavel, e prefere o ocio a todas as riquezas. A sua poetica imaginação representa-lhe o Libano como um colosso que tem o inverno á cabeça, a primavera aos hombros, depondo-lhe a natureza aos pés, o calor do estio e os fructos do outono.

E todavia, nas paragens que habitam os christãos, o Libano, com ser uma vasta montanha erguida sobre alcantis e rochas escarpadas, umas pendendo para os abysmos, outras rompendo as nuvens, todo serpeado de rios e precipicios, parece um jardim floreando. Um viajante que ha pouco o visitou exprime-se n'estes termos:

«Ha no Libano muitas chãs ou plainos todos povoados. Olha-se para uma encosta, e vê-se uma facha branca; é a casaria de uma villa, assombrada de arvores. Além se descortina uma especie de mancha sombria sobre a rocha alvissima; é um convento. Aquelle muro, sobre o qual galgam virentes ramadas, é de um jardim. Acolá está uma lameda; é de amoreiras. Alli está um despenhadeiro todo coberto de verdura; é uma grande vinha. Aquelle arvoredo sombrio que povoa est'outro monte, é um olival. Além está uma nesga de terra sustida por pedra ensossa; é um campo de trigo. Aquelles regos profundos e espumantes são canaes. Aquella estacada que ao longe cerca boa porção de terreno, é um prado artificial. E tudo isto, salpicado de casaes, logarejos e aldeias, é obra de um povo laborioso, paciente, unido, n'uma palavra, christão, que é dizer tudo.»

As tribus que formam a população do Libano não tem governo propriamente nacional, porque estão subordinadas á Turquia, cujas leis e ordens observam. Desde a desastrosa guerra de 1840, a Inglaterra fez com que o governo do Libano, até então unico, fosse dividido entre dois caimacans ou logartenentes, um por parte dos drusos, outro pela dos maronitas; porém ambos sujeitos ao poder ottomano, em tudo o concernente á administração. Tres patriarchas tem até hoje séde no Libano, a saber: o patriarcha dos maronitas, o dos armenios catholicos e o dos syrianos. O patriarcha dos gregos habitava tambem no monte, mas em 1840 foi transportado para Damasco. A este patriarchado andam juntos os tres titulos de Antiochia, Alexandria e Jerusalem. Doze bispos estão debaixo da sua jurisdicção, posto que não tenha mais de uns cincoenta mil fieis dispersos por muitas provincias. Contam-se no Libano dezesete mosteiros d'este rito, tres dos quaes são de religiosas da ordem de S. Basilio. Ha tambem agora um patriarcha da Syria, nomeado pelo papa; e os padres da companhia de Jesus tem alli, ha annos, diversas missões, sustentadas pela sociedade da propagação da fé, estando a missão principal em Beyrouth, onde tem uma eschola de arabe e francez, que é frequentada pela mocidade maronita, grega, armenia, syriaca e latina. D'estas missões se tem tirado muito fructo, conseguindo estes padres e outros religiosos que alli missionam, attenuar o antigo rancor que os musulmanos sempre tiveram aos christãos, e que, ultimamente, se manifestou de novo, quando os drusos se enfureceram contra os pobres maronitas.

Agora que já temos bastante noticia do estado actual do Libano, vamos ouvir o que, sobre elle, nos diz um auctor nosso do seculo xvi, quando foi em peregrinação á Palestina. De proposito opporemos sempre ás narrações dos estranhos as que temos em portuguez, bem vezes mais fieis.

Diz o nosso classico:

«Como estavamos de espaço na cidade de Tripoli, tão nomeada em toda a Syria, ou Suria, como lhe chama o vulgo, vendo cada dia suas particularidades, por não termos outra coisa em que gastar o tempo, esperando o em que haviamos de partir, ouvindo eu muitas vezes fallar nos cedros do monte Libano, e de sua estranheza e antiguidade, cresceram-me os desejos de os ver.

Offereceu-se logo para ir commigo um mancebo dos mais nobres, que era novo na terra, e não tinha ainda lá ido, como costumam sempre, no verão, ir os mercadores venezianos, porque a jornada póde ser até cinco legoas, não mui grandes, ainda que o caminho, depois que se começa a subir, é tão aspero e ingreme, que se não póde ir a cavallo, senão a pé por elle.

Aquella tarde mandou o mancebo veneziano bus-

car as cavalgaduras, para irmos ao outro dia em amanhecendo, e preparar o necessario para o caminho; e tanto que rompeu a alva do dia, nos partimos, levando comnosco um almocreve christão, e um moiro muito familiar e amigo dos venezianos, e muito mais do vinho, que elles sempre lhe davam, porque os servia mui fielmente em quanto lhe mandavam, e tinham com elle muito passatempo, nem lhe chamavam outro nome senão villão, nem elle a outro acudia de melhor vontade.

Teriamos andado boa parte do caminho, quando chegámos a uma grande ribeira de agua muito clara e muito fria, que descia do alto do monte Libano, toda, de uma e outra parte, coberta de grandes platanos, e n'aquelle logar haviamos de começar a subir. Disse eu aos companheiros, que seria bom almoçarmos, pois o logar a isso nos convidava, e mais a calma começava já a picar, porque n'aquellas partes o sol é mui quente; o que elles disseram que lhes parecia mui bem.

Acabada a nossa refeição, começámos a subir pelo monte acima, por um caminho estreitissimo e mui ingreme, de uma abertura tão funda que nos causava medo, pela qual corria a ribeira; e com irmos em sardenhos [1] de sella, costumados a andar por penedos, como cabras, desde que começámos a subir, não nos foi mais possivel ir n'elles, antes em alguns passos nos ajudavamos das mãos como dos pés. Com duas horas de sol, chegámos a um pequeno plaino mettido entre aquellas asperas montanhas, aonde vimos muitas casas grandes, unidas umas com as outras; e como fomos sentidos, começaram logo a repicar os sinos como em dia de festa. Como eu não estava avisado de tal coisa, nem sabia haver alli sinos, por ter entendido não os haver em terra de turcos e moiros, e havia tanto tempo que não ouvia



O monte Libano

tanger sinos, fiquei como fóra de mim, e foi tanta a minha alegria que me moveu a lançar lagrimas. Sairam logo a me receber uns velhos mui veneraveis, que alli vivem como eremitões, e lançados todos a meus pés pedindo-me a benção, como é seu costume, fiz eu da mesma maneira que lhes vi fazer, e abraçando-me todos, me levaram á egreja.

Depois de fazermos oração, me levaram a casa do patriarcha, que está junto da egreja; e vieram logo duas velhas, irmãs do patriarcha, e me tomaram a benção, lançando-se aos meus pés, por ser este o costume d'aquelles christãos, quando lá vae algum religioso da egreja romana, á qual os maronitas tem obediencia e grande devoção. Deram-nos logo conta de que o patriarcha, com passar de cem annos, era ido a Jerusalem ter lá a semana santa, escusando de que, com sua ausencia, não seriamos agasalhados como era razão.

Ao dia seguinte, em saindo o sol, subimos ao mais alto de todo o monte, n'aquella parte, que é meia legoa adiante da egreja, caminho mui aspero e ingreme, por causa de irmos ver os cedros postos no seu cume, por ser este o principal intento com que fiz esta jornada.

Depois que de todo subimos ao mais alto, démos em um plano todo coberto de neve, aonde nos saiu desavergonhadamente ao encontro um urso, a um tiro de malhão [2] d'onde estavamos; mas vendo que iamos muitos, porque nos acompanhavam uns mancebos maronitas para nos ensinarem o caminho, desistiu de nos accommetter, mettendo-se entre a neve, dando-se pouco dos nossos brados e gritos.

Chegámos aonde estão os cedros, os quaes vendo fiquei attonito, porque sua altura e grossura parece mostrar sua perpetuidade, e sem duvida são antiquissimos, e se tem n'aquellas partes serem do tempo de Salomão, o que podéra provar, posto que toda a pessoa entendida e lida sabe serem arvores incorruptiveis, e que duram muita quantidade de annos. Trata-se entre os maronitas e as outras nações

[1] Especie de mulos.
[2] Bola de jogar.

d'aquellas partes, que com aquelles cedros serem poucos, não se podem contar com certeza, porque uns contam uma quantidade, outros outra; o que querem attribuir a milagre, como homens sem experiencia, mas na verdade não é, e procede o erro de estarem tão juntos uns dos outros que se tocam com os ramos; porém se a cada pé d'elles pondes uma pedra ou outro signal, facilmente se sabe quantos são.

Seu fructo são umas pinhas pequenas; tem dentro uns pinhões, fructo como os das nossas pinhas bravas. As folhas são como umas espinhas pequenas e molles; seus ramos estendem-se muito, e cada um d'elles é de maneira que lhe podem fazer em cima uma cama muito grande e larga.

Os cedros do Libano ficam n'uma altura de 1980 metros acima do nivel do mar, e o cume do monte que os abriga mede 2640.

Muitas vezes as nuvens sobem a elles, ennovelando-se á porfia, até os envolverem n'um como véo branquissimo. A meia encosta, mesmo por baixo dos cedros, torrentes de agua cristallina se precipitam da rocha em numerosas catadupas.

Na quinta da senhora infanta D. Isabel Maria, em Bemfica, ha dois cedros do Libano, um dos quaes tem 30 metros de altura. Diz-se ser o mais alto que se conhece em Portugal.

RESTAURAÇÃO DE 1640

Estão ainda inéditos muitos documentos officiaes, por onde se prova que o povo de Lisboa, muito antes que a nobreza pensasse em tal, promovia a independencia de Portugal, patenteando ás nações da Europa os vexames e extorsões do governo hespanhol.

Um dos mais preciosos é o seguinte, mórmente porque, não havendo orçamento nem contas publicas, o juiz do povo da cidade de Lisboa conseguiu fazer uma conta mui particularisada da receita e despeza do reino, confrontada com a de Castella para que se visse que nós estavamos muito mais carregados de tributos que a Hespanha.

E agora opportuno ir pondo á luz todos os documentos que mostrem os vexames que a Hespanha nos fez durante a fatal dominação dos 60 annos!

Rendimento dos direitos reaes, tributos e imposições dos reinos de Portugal, e conferencia com os de Castella, para V. Magestade mandar ver na sua presença.

«Valem os direitos reaes de Portugal, um anno por outro, 240:000$000 réis, a saber: 160:000$000 réis dos direitos das quinze alfandegas dos portos de mar, que se pagam de todo o pescado e fazendas de quaesquer generos, por entrada de dez um. Que nos almoxarifados de Castella, que respondem ás ditas alfandegas, se paga a 5 por cento, e nos de uma e outra Galliza a menos, e no de Cadix sem alvacala; e no Porto Real nada, e só no de Sevilha a 7 e meio por cento, que, respectivamente, é a metade menos do que se paga n'estes reinos.

E aqui é de advertir, que na villa de Cezimbra pagam os pescadores das almadravas das sardinhas e de qualquer pescado 89 por cento, por esta maneira: 10 ao dizimo devido a Deus, que a ordem de Santiago leva por seu commendador o duque de Aveiro; 45 a V. M.; 3 á fábrica da fortaleza de Setubal, 1 á Atalaya; 10 á dita ordem por saida, 20 de dizima e sisa por entrada em Lisboa, onde se vác vender, e a cestaria. Dos onze por cento escassos que sómente lhes ficam, pagam as redes, barcos, fábrica de pescaria, e de suas pessoas, que mantem miserabilissimamente.

Que em Lagos e outros portos do reino do Algarve, além do dizimo devido a Deus, se pagam 40 por cento a V. M., em Villa-Nova 10, ao conde donatario 20, e isto além do tributo da sisa por venda e saída.

46:000$000 réis de quarto, sexto, oitavo, fôro ou pensão, que respectivamente se paga das terras reguengas. Que em Castella responde ao pecho que os homens lhanos pagam das herdades, segundo a possibilidade de cada um, como fôro das terras que possuem, que são proprias do patrimonio real.

6:000$000 réis das almadravas do atum do reino do Algarve, a S. M. 7 por cento, que em Castella faz o duque de Medina donatario por conta propria.

28:000$000 réis das minas de estanho e de ferro, direitos e dizima da chancellaria, ancoragens, casa da moeda, fisco e camara real, que em Castella ha, e as que pertencem ao almirante se chamam almirantasgo.

São estes reinos de Portugal tão limitados, que não chegam a 80 legoas de comprido, nem 40 de largo; e em muitas partes tem menos de 12. E a respeito dos de Castella são quasi um ponto, e havendo começado no titulo de um condado, no qual succederam os reis, tem hoje 1 baronia, 1 viscondado, 38 condados, 6 marquezados e 6 ducados, que é um dos grandes tributos que a fazenda real tem, em razão dos assentamentos que d'ella se lhes pagam em cada um anno, do que a de Castella (onde não ha os taes assentamentos) está livre. E este o primeiro e mais intoleravel tributo que os povos tem, de que tambem os de Castella n'esta parte estão livres.

O solar dos reinos é montes incultos, cereaes esteriles, e os valles que o não são, o ficam sendo se lhes falta a monção de abril e maio, que é a porta onde n'elles entra a fome, que tem librado seu remedio no trigo de França, Allemanha, Castella, Berberia, Sicilia, a troco do qual sáem d'estes reinos 500:000 cruzados, ou quasi, um anno por outro, que é tributo natural e rigorosissimo, contra estes povos, do qual estão livres os de Castella, e como não ha nos reinos lavrador que lavre em terra propria, por quasi toda ser respectivamente das egrejas, reguengos da coroa, ou foreira a diversos senhorios, e os foros e pensões d'ella, e imposições e tributos immoderados; e sobre elles haja cada anno um e mais pedidos e fintas, não se remedeia por meio d'elles a necessidade presente, que não seja logo principio de outra maior que resulta das terras ficarem por lavrar, por falta de lavradores, ou de serem mal cultivadas, pela de cabedal, porque o certo é que as terras, commummente, respondem segundo o trabalho que n'ellas se mette; e assim das grandes pensões, tributos e fintas procede outro genero de tributo, que é o terceiro e mais pernicioso, porque, como sem semente (que é a que se tira por elles) se não póde colher fructo dos campos, e menos das alfandegas e casas em que se pagam os direitos reaes, tanto mais dinheiro váe para fóra dos reinos, ficando elles sem a substancia e forças necessarias á sua conservação.

E d'este genero de tributo estão livres os povos de Castella, porque inda que pela mesma causa fiquem muitas terras por lavrar, como os castelhanos, depois que os reinos entraram na casa de Austria e Borgonha, deixando as terras e trato, se passaram á vida livre da guerra de Flandres e Italia, isto se converte em seu proprio beneficio; razão por que a soffrem e inutilmente sustentam.

Além dos ditos direitos, pensões e tributos, ha n'estes reinos mais 31, dos quaes os doze ultimos não vão estimados, e os dezenove valem, um anno por outro, 890:438$330 réis, a saber: 398:236$330 réis, que valem as sizas dos reinos, que são bens proprios dos povos, e desde os 12 dias do mez de

maio do anno de 1387, em tempo do sr. rei D. João I, por titulo precario, temporal e revogavel, que de direito não é sufficiente para por elle se adquirir dominio, entraram na corôa real os 169:236$330 réis, e 560 arrobas e 5 arrateis de cera nos 32 almoxarifados dos reinos, que se pagam por cabeção; nos quaes entram o do termo de Lisboa, e o do pescado do rio Tejo; 90:000$000 réis na alfandega de Lisboa, onde se pagam por entrada; 86:000$000 réis nas casas reaes, ramos e mesas d'ellas da mesma cidade, em que entram para os chapins da rainha [1] 30:000$000 réis, em que se estimam os da casa da India, e 14:000$000 réis na alfandega e tabola da villa de Setubal, ramos e mesas d'ella, onde tambem se pagam por entrada.

É quasi no mesmo tempo entraram no de Castella, e a respeito das coisas de comer e beber se chamam pelo mesmo nome de sisa, e a respeito das rendas das mercadorias e fazendas se chamam pelo de alcavala, que se pagam por vintena, de vinte um, e a este respeito, depois da morte dos srs. reis catholicos, D. Fernando e D. Isabel, governando o arcebispo de toledo D. fr. Francisco Ximenes, as encabeçou nos povos, no que depois, no tempo do sr. rei D. Filippe, o prudente, houve alteração, e com elle ainda de presente se paga aos alcavaleiros e arrendatarios por vintena; e das partidas grandes por trintena, ou segundo com elles se concertam as partes; e logares ha em que se paga a 1 e 2 por cento sómente.

20 contos que além da dizima velha que entra nos direitos reaes, vale a dizima nova do pescado fresco, que no reino entra em mão dos pescadores naturaes, que, segundo a fórma do contrato celebrado com o dito senhor rei D. João I em 8 de janeiro de 1420, pertence a armada da costa, que succedeu á das galeotas, e aos donatarios em cujo poder quasi toda se acha, o que em Castella não ha.

21 contos que valem as terças dos bens dos concelhos que, como declara a ord. liv. 2. t. 28 § 2.º, não são dos reis, são dos povos que as deram e ordenaram para as obras das fortalezas e muros, nas quaes se não dispendem, e d'ellas se serve V. M. por emprestimo, por estarem livres de consignações.

75 contos que vale o tributo dos tres por cento que em 6 de julho do anno de 1591 concederam os homens de negocio para a armada da guarda da costa, de que muita parte se dispende em ordenados, que por não ser fazenda de V. M. estão livres de consignações, que em Castella não ha.

13 contos que vale o estanque das saboarias, que quasi todas se acham em poder de donatarios, o que em Castella chamam almonas.

40 contos que valem as alfandegas de portos seccos e vedados, que são dos povos, porque estando tirados pela capitulação 21 dos fóros dos reinos, e por provisão do senhor rei D. Filippe, o prudente, passada em 13 de agosto de 1550, injustamente se tornaram a pôr por provisão do dito senhor de 12 de março de 1593, faltando aos povos com 15 contos de réis de juro por essa causa, promettidos pela mesma provisão.

[1] Tributo que se pagava para o calçado das pessoas reaes, desde o principio da monarchia. Até ao tempo de D. Affonso III, os monges de Alcobaça eram obrigados a dar annualmente a el-rei *umas botas, uns borzeguins e uns sapatos*, em reconhecimento do padroado real.

Parece que depois só se pagava ás rainhas este tributo para os seus chapins. A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, applicava para obras pias o tributo annual de 160:000 rs. que lhe pagavam os moradores da costa do Malabar. Quando S. Francisco Xavier andou missionando na India, pediu á mesma rainha que lhe largasse para estipendio dos cathequisantes que o ajudavam, e acodiam onde elle não podia, os 4:000 fanões (moeda asiatica de 25 rs.) que alli se pagavam para os seus chapins.

Com quanto se tome a palavra chapim para designar todo o calçado de mulher nobre, os verdadeiros chapins tinham quatro e cinco solas de cortiça ou pinho, para fazer realçar a estatura. Eram como os pantufos, todos pespontados e bordados.

5 contos que valem os direitos dos portos molhados por terra, que se arrecadam nas ditas alfandegas de portos seccos.

30 contos que vale ou valia o tributo de 220 réis por moio de sal, que para os do norte poz o senhor rei D. Filippe II no primeiro de abril do anno de 1601.

98 contos que ao dito respeito vale o segundo e immoderado tributo dos 18 reales, que são 720 réis por moio de sal que para os do norte poz V. M. em janeiro do anno de 1631, os quaes se cobram injustamente pela corôa de Castella e junta do almirantasgo, tirando-os á corôa d'estes reinos, que por sua fazenda não estão obrigados á de Castella, nem a outra alguma, como V. M. o declarou no papel em que por D. Luiz de Haro mandou propor o alistamento militar do reino de Valença, nas côrtes que celebrou em Monçon a 9 de março de 1626.

6 contos que vale o estanque de solimão e cartas de jogar que fez o senhor rei D. Filippe II, que todo se acha em poder de donatarios.

16 contos que vale o primeiro real d'agua da cidade de Lisboa, do qual se vendeu parte para o serviço que se fez ao dito senhor no anno de 1619 quando veiu a estes reinos, e parte para a companhia do commercio da India, e o restante para o soccorro de Pernambuco, que em Castella não ha.

32 contos que vale o segundo real d'agua da dita cidade de Lisboa e reinos, concedido para o soccorro da India por tempo de 6 annos, que começaram o primeiro de janeiro de 630, e os ditos reaes d'agua na cidade de Lisboa são, 3 réis de cada canada de vinho, e 2 réis de cada arratel de carne, não entrando n'elles a imposição e sisa, com a qual se vem a pagar de cada canada de vinho 7 réis, e de cada arratel de carne, pelo preço commum, 4 réis e meio; em o tempo presente 6 réis, que em Castella não ha.

370 mil réis vale o estanque de cortiça por saída, e sisa por entrada, dos quaes 70 mil réis se pagam na mesa da imposição velha do vinho, e os 300 mil réis ao conde de Villa Nova, que em Castella não ha.

2 contos duzentos e sessenta e seis mil réis que valem as hervagens do Campo de Ourique e Perdigôa.

24 contos quinhentos e sessenta e seis mil réis que vale a imposição velha dos vinhos, pela razão da aposentadoria de Lisboa, Evora, Santarem, que em Castella não ha, senão no logar em que V. M. reside, e a de Borba e Villa Viçosa que leva o duque de Bragança.

10 contos que vale a portagem do que se passa de um logar para outro, devida á razão de calçadas, caminhos, barcos e pontes, em que se não dispendem, e assim é indevidamente levada.

8 contos que valem as terças dos arcebispados de Braga e Evora, e bispados de Miranda e Elvas, que o papa Alexandre X concedeu aos reis de Castella dos logares que tomassem aos moiros, confirmadas pelo papa Gregorio VII em 17 de fevereiro do anno de 1073, que por titulo de dote pertence aos reis de Portugal pela defensão dos reinos, mas quasi todos se acham em poder de donatarios.

60 contos que valem as 290 commendas novas da ordem da cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo, que são as da concessão dos 20 mil cruzados do papa Alexandre X, que era a renda das egrejas livres e a mais preciosa do estado ecclesiastico, que por uma vez se lhe tirou para sempre, e isto além das rendas das commendas velhas da mesma ordem, e das de S. Bento de Aviz e Sant'Iago, que por todas são 565, e rendem um anno por outro 292:224$373 réis, que são 480$560 cruzados e 373 réis, que é o dote da guerra convertido no de damas.

(Continúa)

DIA DE ANNO BOM

Assim se denomina o primeiro dia ou entrada de cada anno, porque este escolheram os homens, pelo menos desde o tempo dos romanos, para se comprimentarem mutuamente, testimunhando o desejo de que o anno lhes corra prospero até ao fim.

O padre Vieira prégando um sermão intitulado « de bons annos » no primeiro de janeiro de 1641, a elrei D. João IV, faz estas ponderações:

« Em um mundo tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom dia, ter obrigação de dar bons annos, difficultoso empenho!

E na minha opinião cresce ainda mais esta difficuldade, porque isto de dar bons annos, entendo-o de differente maneira do que commummente se pratica no mundo.

Os bons annos não os dá quem os deseja, senão quem os assegura.

A quantos se desejaram n'esta vida, a quantos se deram os bons annos, que os não lograram bons, senão mui infelizes? Segue-se logo, propria e rigorosamente fallando, que não dá os bons annos quem só os deseja, senão quem os faz seguros. »

BOAS FESTAS

A estes comprimentos e bons desejos se chama « dar as boas festas ».

Tão antigo é este uso, que Ovidio, nos *Fastos* romanos, faz a Jano esta pergunta:

E d'onde vem que nas calendas tuas
Nos damos mutuamente as boas festas?
E este ir e vir de comprimentos faustos? [1]

E Jano responde, que n'este dia se cumprem quantos votos se fazem aos deuses.

Dos romanos, pois, com muitos outros usos, tomámos o de dar as boas festas, com a differença que as começâmos a contar de Natal, por ser este o periodo inaugural da Redempção christã.

D'antes era de rigorosa etiqueta ir pessoalmente dar as boas festas, com a prevenção de um bilhete de visita para deixar ás pessoas que se não encontravam em casa. Váe em decadencia este bom estilo, de certo pelo incommodo que dá n'uma cidade tão vasta. Ha porém um meio usado na Belgica e em parte da França, que nós devemos adoptar. Como se não tem por cortez mandar os bilhetes pelo correio, adoptou-se n'aquellas duas nações remettel-os a algum estabelecimento de beneficencia, com um donativo que exceda os portes do correio, e esse estabelecimento se encarrega de os enviar ao seu destino.

Principalmente para quem tem muitas visitas a pagar, este arbitrio é excellente.

Apontamol-o para ver se vinga, o que de certo acontecerá se se generalisar o novo uso dos bilhetes de visita com o retrato photographico do visitante.

CONSOADA

Como a vespera de Natal é dia de jejum, costumava-se d'antes reservar a ultima refeição, a que se dá o nome de *consoada*, para depois da meia noite, a fim de se poder já comer carne, e tudo o mais que contribue para uma boa ceia. A isto se chamou *fazer a meia noite*, regalo impreterivel de nossos avós, que sempre foram muito amigos de bona xira, gallicismo que elles adoptaram por ser phrase que lhes deu no goto...

[1] Traducção que está imprimindo o sr. A. F. de Castilho.

D'aqui nasceu o uso de dar para a consoada, ou por consoada, certos presentes de aves, iguarias, doces, vinhos, etc. Os pobres a pediam aos abastados, os criados aos amos; e tanto se arreigou o costume, que veiu a considerar-se como um foro ou pensão annual.

Muitos meios e pretextos se tem inventado para pedir a consoada. D'antes, e cremos que ainda hoje, nas provincias, se juntavam bandos de camponezes, e turbas de rapazes com musicas, entoando lôas ao Divino, á porta das pessoas de quem esperavam alguma retribuição. Em Lisboa, ainda não ha muitos annos, isto mesmo faziam as musicas regimentaes, indo tocar á porta das pessoas ricas.

Actualmente, os distribuidores dos jornaes levam a todos os assignantes suas trovas, impressas em papel de côr, com o mesmo intento com que d'antes se cantavam as lôas do natal.

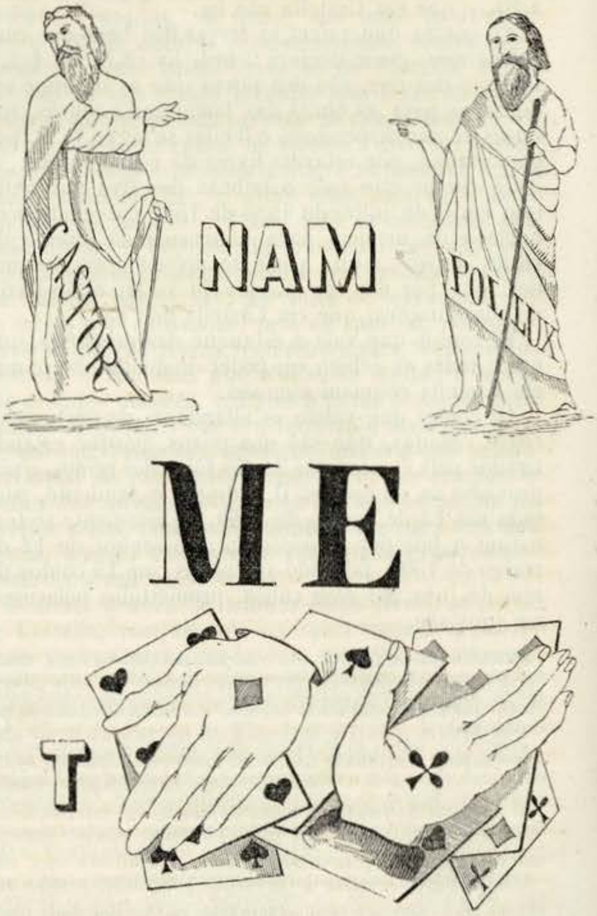
Em dia de tanto regozijo para a christandade, justo é que se alegrem e contentem os pobres.

A origem da palavra é esta; mas o uso de presentear tomámol-o dos romanos. Ovidio nos mesmos *Fastos* interroga tambem a Jano sobre este costume dizendo:

Que significa
Este presentearmo-nos com tamaras,
Encarquilhados figos, e cheiroso
Candido mel em barrilinhos alvos?
— São presagios, me responde,
Quer-se que, d'esta sorte auspiciado
Corra saboroso e doce o anno inteiro. [1]

Vê-se que é esta a genealogia das nossas brôas.

ENIGMA



[1] Mesma traducção.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampayo.